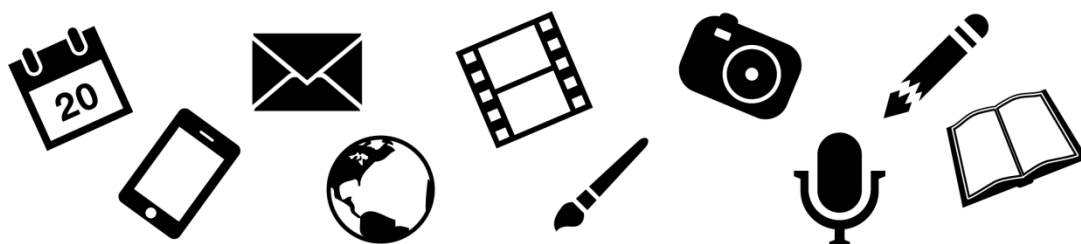




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

11, 12 e 13 de Janeiro de 2014

Máscara da educação

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ*

Onde parece haver talento e dom intelectual reside estratificação social e herança cultural, perpetuando-se as distinções de classe sob a máscara da educação democrática. Eis o que mostram os sociólogos franceses Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron no breve e contundente *Os Herdeiros: os Estudantes e a Cultura*, publicado há quase meio século e recém-lançado no Brasil pela Editora da UFSC.

Trata-se de leitura exigente, tanto pela quantidade de questões que os autores abordam, quanto pelo rigor com que o fazem. Certa aridez da redação, que a tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Val-

le sabiamente manteve, não prejudica o fluxo de exposição, mas convida à leitura atenciosa.

Com três capítulos e um texto conclusivo, mais dois apêndices com tabelas e comentários sobre elas, o livro apresenta análises sobre a vida dos estudantes franceses, a partir de dados coletados por institutos de pesquisa e enquetes encomendadas. Apontando tendências históricas e sociais, Bourdieu e Passeron examinam a vida estudantil de modo a fazer ver que a “experiência universitária” é tão variada quanto são as diferenças e distinções entre os estudantes, venham eles de Paris ou da província, sejam moças ou rapazes, componham famílias de alta ou baixa extração, com mais ou menos experiências políticas e culturais. A pesquisa mostra que o ensino gera distintas expectativas

em diferentes estratos sociais, conforme origens e projetos em jogo: diletantismos nos filhos das elites, para os quais a distinção entre lazer e trabalho, conquanto sejam estudantes, é inexistente; nada muito mais que preparação para vida profissional para estudantes que trabalham para o próprio sustento, vindos de camadas sociais mais baixas.

É sob tal base que questionam o dom e o mérito entre aqueles que são vistos como melhores alunos, ou que frequentam os cursos de maior prestígio. Com grande sensibilidade analítica, os autores mostram que as experiências não escolares são decisivas para o sucesso dos estudantes, apontando o paradoxo de uma educação que valoriza discursivamente o ensino da cultura erudita, mas a toma como requisito prévio à escolarização,

eternizando, assim, a exclusão social. Reside aí a reprodução das desigualdades, já que “para uns, a aprendizagem da cultura da elite é uma conquista, pela qual se paga caro; para outros, uma herança que compreende ao mesmo tempo a facilidade e as tentações das facilidades.”

A herança cultural é, sobremaneira, a da família e do seu entorno. Daí a crítica à educação formal, reforçadora de certa mistificação das atividades intelectuais em detrimento da preparação profissional, processo alimentado por professores que se têm em alta conta e por estudantes de estratos sociais superiores. Bourdieu e Passeron predicam uma educação como expressão de transformações mais amplas na sociedade. Defendem uma escola que leve a sério, com suas técnicas e métodos, o ensino da cultura erudita para todos, suplantando as dificuldades decorrentes da posição social e permitindo, de fato, o acesso igualitário à universidade.

Os Herdeiros é um clássico escrito em um tempo em que a sociologia era ainda “um esporte de combate”, como certa vez a chamou o próprio Pierre Bourdieu. Isso já justificaria sua publicação e leitura entre nós. Mas seus temas e abordagens são mais que atuais para o Brasil, onde a naturalização de privilégios para os “herdeiros”, inclusive na universidade pública, ainda é um desafio a ser enfrentado.

*Professor da UFSC e pesquisador CNPq



Os Herdeiros: Os Estudantes e a Cultura, de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, EdUFSC, 172 páginas, R\$ 35

Notícias do Dia – Carlos Damião (11 e 12/01)

“Problema do turismo é o modelo”

Homero Gomes/ Sociólogo formado pela UFSC/ Modelo de turismo adotado/ Entrevista/ Setor privado (trade)/ Falta de planejamento

Problema do turismo é o modelo

Homero Gomes é sociólogo graduado pela UFSC. Idealizou e dirige a revista Trade Tur, especializada em turismo para profissionais do setor. Foi secretário municipal de Turismo da Capital entre 1994 e 1996, quando criou o Réveillon das

Luzes na Avenida Beira-Mar Norte e contribuiu para a viabilização do Centrosul, principal centro de eventos de Florianópolis. Para o sociólogo, a grande questão da temporada na Capital não é a invasão (o turismo de massa), mas o modelo de turismo adotado.

Por que Florianópolis vive repetidamente esta situação caótica em todas as temporadas?

Em síntese, pela falta de compreensão dos gestores públicos acerca do que venha a ser esta fantástica atividade econômica que é o turismo. Ela demanda articulação e mobilização de praticamente todos os setores da administração pública. O que, efetivamente, é muito difícil de ocorrer, sobretudo quando inexistente uma coordenação central, quando não se faz ouvir uma voz de comando.

A responsabilidade pela desordem é apenas do setor público? Qual o papel do setor privado (trade)?

Quem faz a promoção dos destinos no mercado nacional e internacional? Quem é responsável pela infraestrutura, aeroportos, rodoviárias, estradas,

acessos, segurança pública, fiscalização de serviços? As responsabilidades governamentais são evidentes. E não se pode apontar o dedo para este governo ou seu antecessor. Quanto ao trade, se demandado pelo poder público, pode contribuir mais para minimizar os problemas comuns. Sobretudo ao investir em eficiência energética, que pode vir a ser, inclusive, uma forma de lucrar com a economia de energia e água.

Já acompanhei, como jornalista, umas quase 30 temporadas. Todos os anos a mesma história: falta planejamento. Por que o planejamento nunca funciona?

Sabia-se, por exemplo, que dobraria o número de voos *charters* para Florianópolis em relação à temporada passada. Este é um dado relevante. Creio que os instrumentos para avaliar

as demandas e prever impactos já estão disponíveis aos gestores. Portanto, se continua não funcionando o planejamento, o buraco é mais embaixo. Deve ser complicado pilotar um A-380 com brevê para Cessna. Creio que os instrumentos para avaliar as demandas e prever impactos, já estão disponíveis aos gestores. E ainda temos na cidade e no estado uma formidável rede de universidades, capacidade instalada de conhecimento para contribuir com o planejamento.

O que está errado com o turismo e com os turistas que vêm para cá?

Optamos por um modelo de turismo de massa, típico de regiões turísticas de sol e praia no Brasil. A questão central não é o perfil do turista, e sim o modelo de turismo.

E os preços? Pacotes baratos, mas preços extorsivos dos produtos e serviços, provocaram a criação do chamado “turista de supermercado”...

Sobre os preços, o fato é que existe o mau empresário, que aproveita para jogar a responsabilidade por sua ganância nas costas de Adam Smith. E o turista, que em grande parte já veraneou por aqui antes, não é tolo.

Qual o caminho para melhorar essa situação?

Parece que Florianópolis foi surpreendida com uma demanda muito acima daquilo que pode oferecer em termos de estrutura e serviços. A surpresa, se existe, refere-se ao modelo de turismo de massa, que parece dar sinais de que

chegou ao seu limite, em tão pouco tempo, se compararmos com outros destinos. Penso que estão colocando a carroça na frente dos bois quando falam em mudar o perfil do turista. Talvez tenha chegado a hora de repensar o modelo.



Hermenêutica da MACHEZA

Sobre o FIM de
Fernanda Torres



MURILLO MEIRELLES, REVISTA TPM, DIVULGAÇÃO

EXPERIÊNCIA

Fernanda Torres estreou na literatura com o livro *Fim*, que faz uma crônica de nosso tempo

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ*

Como colaboradora de jornais e revistas, a atriz Fernanda Torres tem publicado textos que surpreendem pela qualidade literária e pelo olhar desconcertante. O ponto de partida geralmente é a experiência pessoal superada pela analítica aguda do presente. Faz isso com uma escrita que não perde a delicadeza, mas não se furta de dar voz à crueza, à força e à fragilidade das personagens cuja alma perscruta. O mosaico construído, cujo pano de fundo é o País e suas complicações, mostra mais que interpreta, deixando que as peças, ao se colocarem umas frente às outras, digam algo sobre espantosa experiência de viver.

O final do ano passado assistiu à estreia de Fernanda na literatura ficcional. *Fim* narra a história de cinco amigos, desde que entram na vida adulta até a derrocada final. Vivem do encontro, morrem em desencontro, quando as frágeis linhas que mantinham a sincera amizade vão se desfazendo até sumirem, sobrevivendo, no mais das vezes, apenas como melancolia nas recordações. A narrativa vai se alternando entre o discurso indireto e a voz de cada um dos varões. As mulheres que com eles viveram dores e delícias também têm força como personagens, mas não é delas que principalmente se fala. Ponto de partida ou de chegada, a morte é o balizador principal e definitivo, a derrota para aqueles que aceitaram ou não o convite para viver intensamente, em especial as décadas de 1960 e 1970: política, drogas, sexo mais livre, terapias alternativas, e por aí vai. A abordagem e o tom remetem ao Nelson Rodrigues das tragédias cariocas, mas a dicção às vezes faz lembrar o machadiano Carlos Heitor Cony.

Álvaro, Neto, Ciro, Sílvio e Ribeiro, têm origens e destinos diferentes, mas a vida compartilhada delimita, em grande parte, o horizonte de expectativas de cada um. “Eram homens maduros e desesperados. Viviam o apogeu do macho e o presentimento da inevitável queda”, escreve Fernanda

ao narrar o encontro promovido por Sílvio, o despuorado, aquele que aceitou romper com os costumes aceitáveis e as boas intenções, deixando-se levar por um hedonismo sem limites, topando pagar o preço do prolongado frenesi. A pretexto de despedir-se dos amigos, ele conseguiu convites para uma festa chique, regada, deste antes do seu início, pelo uso das diversas drogas estimulantes. Noite decisiva, marcando a primeira ruptura do grupo de amigos, a farra termina na residência do anfitrião, cada qual com a mulher que lhe coube. Ciro, como sempre, com a mais bonita. Mas nem todos conseguem, dois deles nem sequer chegam ao apartamento da Gávea. Entrando na meiaidade, a sensação de que não há mais tanto tempo afrouxava os limites.

É notável a capacidade de Fernanda de mergulhar no espírito masculino, com seus temores e caprichos. Cada alma é explorada nos limites das angústias, dos sofrimentos dos quais padece, frequentemente de maneira inconfessável, vendo o fim cada vez mais próximo. Como é praxe, os homens passam a limpo, no segredo do pensamento, a própria história, matizada pelas elucubrações e projeções mentais sobre os amigos, fatos, mulheres que amaram ou que não puderam amar, fracassos familiares, miséria moral e canalhices, solidão. Constroem, como podem, a memória do que viveram.

Ao mimetizar as perturbações e desejos de cada um, rancores e arrependimentos, melancolia e ressentimentos, e, talvez, principalmente, medo e frustração, Fernanda oferece forma, pela linguagem, a esse vasto material disponível que é a alma masculina. Chega com isso a uma crônica do nosso tempo pela voz de uma geração que vemos chegar ao ápice para depois declinar e morrer. Mas dizer isso é pouco. “Fim” é uma hermenêutica da macheza. De seus temores e da autoconfiança postiça. Produzindo forma literária sobre esse universo, Fernanda Torres nos oferece um livro arrebatador sobre o homem de qualquer tempo.

* Professor da UFSC e pesquisador do CNPq.



Fim – Fernanda Torres, Companhia das Letras, 208 páginas, R\$ 34,50.

Notícias do Dia – Cidade (13/01)

“Turismo busca parceria para revitalização do mirante”

Parceria entre empresas privadas de telecomunicações e a UFSC/ Revitalização do mirante do morro da Cruz/ Ponto turístico de Florianópolis/ Parceria público-privada

MORRO DA CRUZ

Turismo busca parceria para revitalização do mirante

Parceria com empresas privadas de telecomunicações e com a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que mantém antenas, transmissores, estúdios e sedes no alto da avenida do Antão, é uma das alternativas para revitalização do mirante do maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis. Um dos mais belos e movimentados pontos turísticos da cidade, o local virou depósito de entulhos e de cimento endurecido desde que a construtora Zampiron

abandonou o canteiro de obras, em outubro do ano passado.

De acordo com nota encaminhada pela assessoria da secretária de Turismo Maria Cláudia Evangelista, está sendo feito trabalho de articulação para realização das obras e readequação da estrutura existente. Segundo a secretária, não adianta revitalizar um espaço sem dar condição de convivência a ele. A prefeitura propõe parceria público-privada para completar a recuperação da área, a 285

metros acima do mar e com visão periférica da área urbana e cidades vizinhas.

A ideia é contar com empresas com sede no Morro da Cruz no projeto da prefeitura para adoção do mirante. “Já foram realizadas pelo menos quatro reuniões com os diretores das emissoras de televisão com esse objetivo”, informa a nota.

A última etapa do projeto seria a concessão de um dos espaços do mirante para um estabelecimento gastronômico. “Outro

grande ponto discutido e que se busca solução são acesso e estacionamento”, diz a nota.

De acordo com Maria Cláudia, o mirante do Morro da Cruz é um dos pontos turísticos mais importantes de Florianópolis. “É o que tem a melhor vista da Ilha”, observa. A secretária reconhece que espaços gratuitos de visitação turística incrementam a comercialização de Florianópolis como produto turístico, e permitem a integração de roteiros dentro da cidade. **(Edson Rosa)**

Notícias do Dia – Paulo de Tarso Guilhon (13/01)

“Voe Ideias, marca de ousadia”

Voe Ideias/ Agência de idéias/ Fernando Logório/ Empreendedor

#coisas nossas

Voe Ideias, marca de ousadia

Fala sério, você alguma vez na vida pensou em trabalhar em um ambiente descontraído, casa com churrasqueira, piscina para aplacar o calor infernal que anda fazendo e, depois do churrasco, uma rede para renovar as energias? Inove, crie, ouse, libere suas ideias. Essa é a proposta da Voe Ideias, uma agência de ideias composta por 21 jovens, entre 20 e 27 anos, ultraprofissionais. “Pensar o que ninguém pensa e propor aquilo que ninguém tem coragem de realizar. Este é o nosso DNA”, resume Fernando Logório. Sem querer retornar para o Rio Grande do Sul, Fernando em seu último semestre na UFSC montou a Voe Ideias para dar asas a imaginação e garantir a permanência em Florianópolis. Seus primeiros clientes foram os professores que planejavam um evento. Daí pra frente, uma sequência de desafios vencidos com dedicação. Consolidada, os números da Voe Ideias impressionam: mais de 30 clientes atendidos, cerca de 100 projetos realizados e R\$ 9



milhões de faturamento em 2013. Um valor três vezes superior a 2012. Em 2014, a agência tem expectativas de projeção nacional, em função de projetos alinhados em torno da Copa do Mundo. “Sonho ser empreendedor desde muito cedo. Quando criança, com nove anos, pegava as revistas velhas da minha mãe e montava uma banquinha na praça da cidade que eu morava para fazer um dinheirinho. Desde então, nunca deixei de tentar começar algum negócio” conta Fernando. Devassa, Volkswagen, Pedra Branca, Sebrae-SC, Melitta, Bauducco são alguns dos clientes da empresa. A Voe Ideias e Fernando Logório são nossas coisas, são coisas nossas.

Diário Catarinense – Serviço (13/01)

“Fotografia”

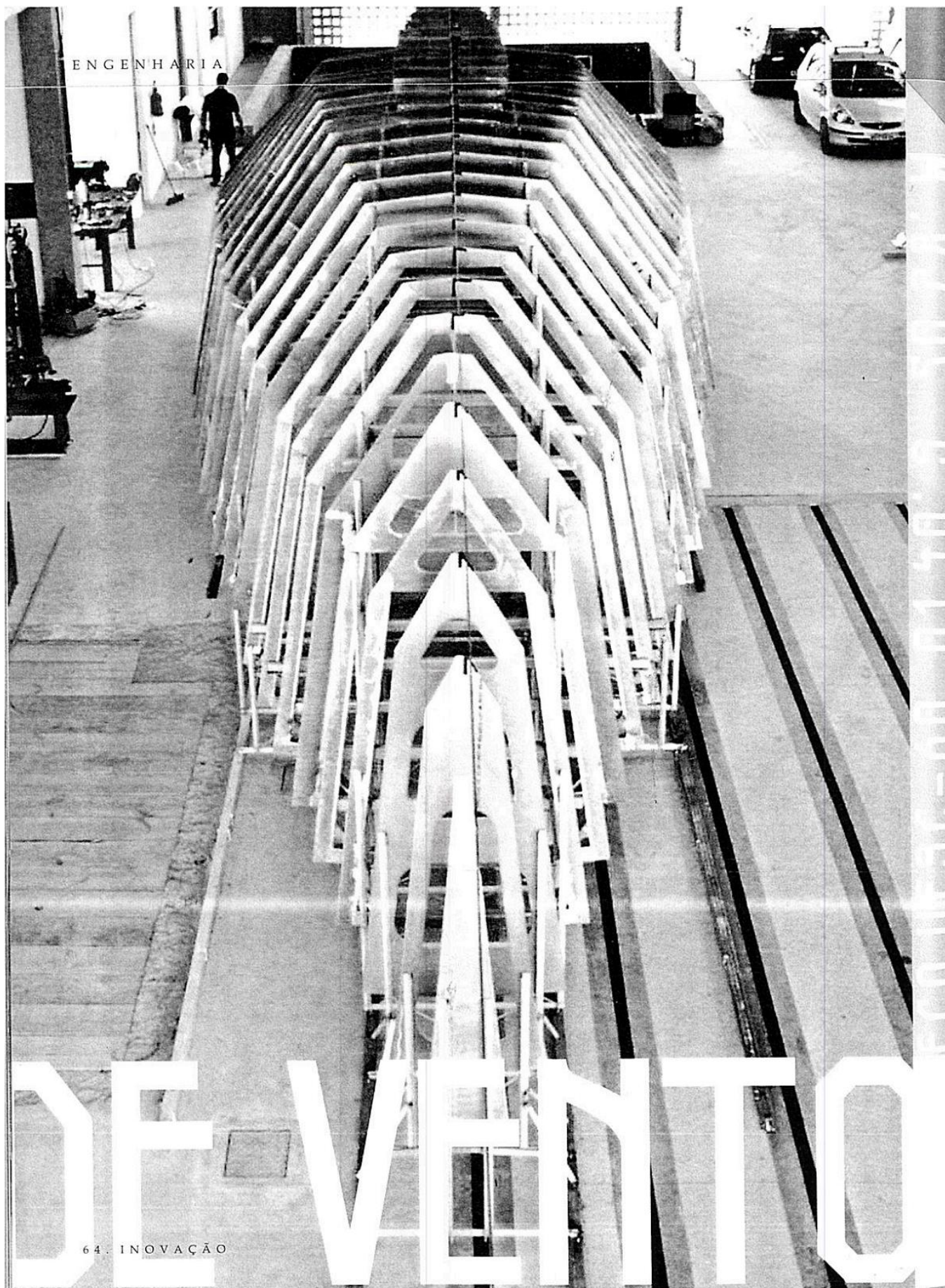
Joe Cletison/ NEA/ Exposição fotográfica “Santo Antonio de Lisboa e Sambaqui – A rota do Sol Poente”/ espaço cultural açoriana

• **Fotografia** – Joi Cletison, coordenador do Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina, realiza a exposição fotográfica *Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui – A Rota do Sol Poente*, no espaço cultural Açoriana, no Centro de Florianópolis. A mostra, até o dia 28 de fevereiro, pode ser visitada das 10h às 17h. Mais informações pelo telefone 3721-8302.

Inovação em Pauta – Setembro/2013

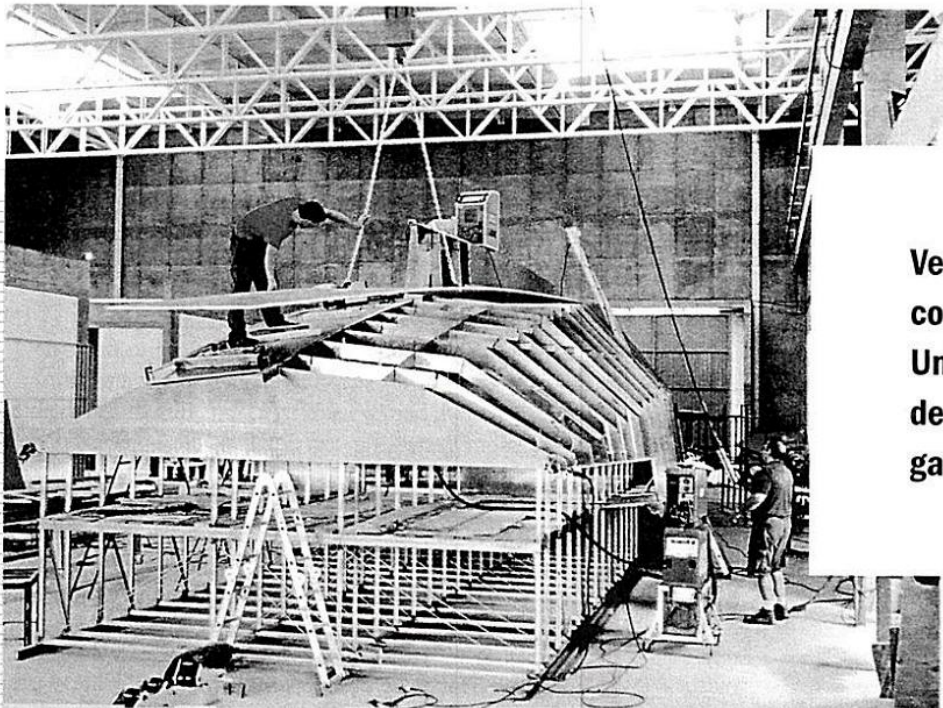
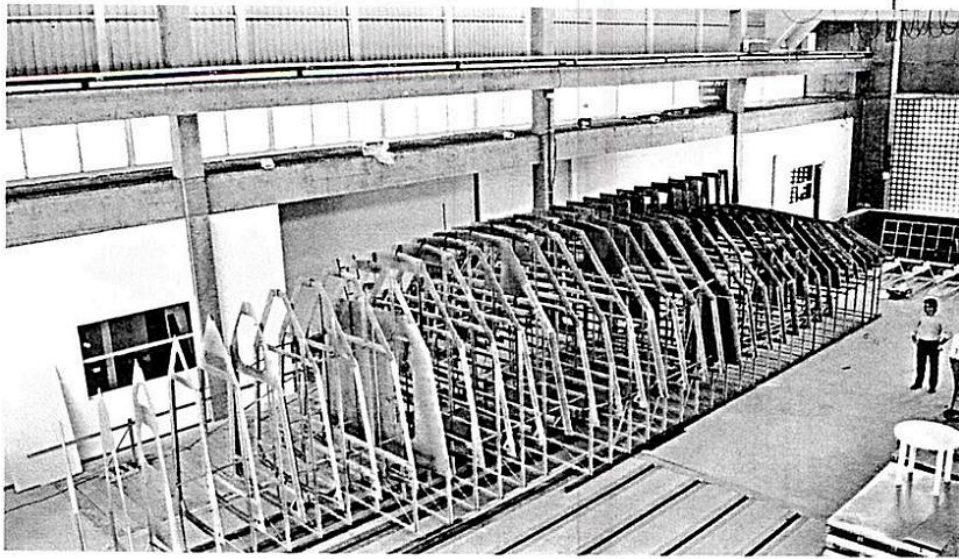
“De Vento em Popa”

Veleiro de alumínio/ Veleiro ECO UFSC-60/ Orestes Estevam Arlacon/ Sapiens Parque

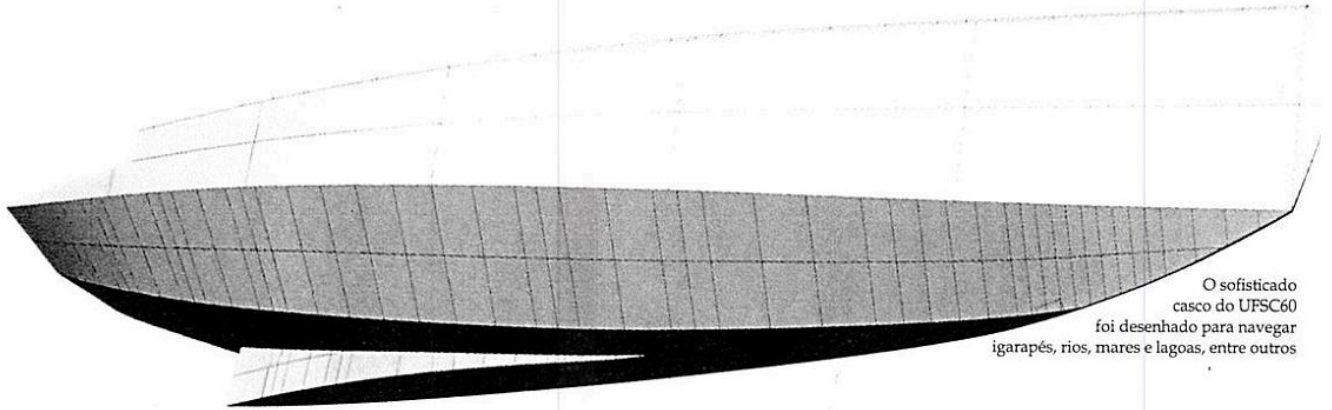


ENGENHARIA

DEVENTO



**Veleiro de alumínio
construído na
Universidade Federal
de Santa Catarina
ganha forma.**



O sofisticado casco do UFSC60 foi desenhado para navegar igarapés, rios, mares e lagoas, entre outros

Aos poucos, o sonho do professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Orestes Estevam Arlacon, ganha forma num galpão do Sapiens Parque, em Florianópolis. Lá são montadas, soldadas e erguidas as peças de um veleiro de alumínio de 60 pés (18,6 metros), primeiro no Brasil feito com o metal. Um projeto antigo, concretizado graças ao apoio da FINEP, na categoria não reembolsável, por meio do edital aquaviário.

Engenheiro metalúrgico com doutorado em Engenharia Mecânica e velejador há 25 anos, o

professor Orestes Alarcon embarcou nesse desafio com um objetivo bem específico: “conhecer e explorar a nossa biodiversidade e monitorar os oceanos do país, a nossa Amazônia Azul. É o primeiro veleiro construído no Brasil para expedição científica oceanográfica”, afirma.

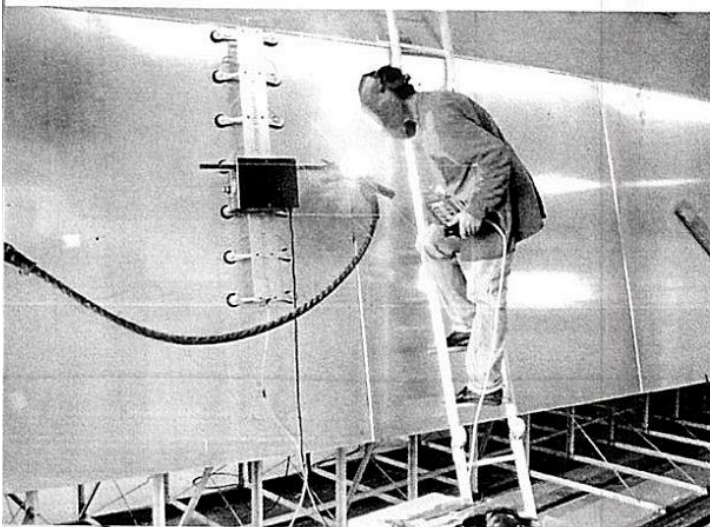
Pesquisa para navegar nas mais diversas águas

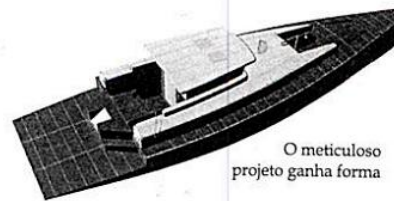
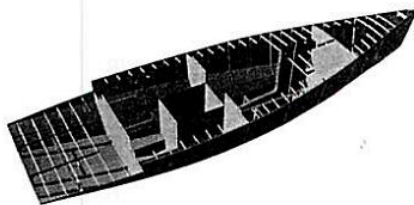
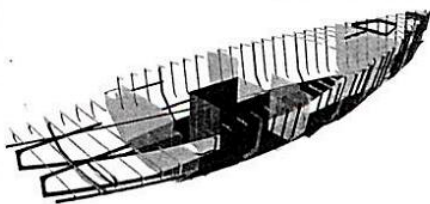
O veleiro, denominado ECO UFSC-60, contará com equipamentos de alta tecnologia. Entre eles, robôs com cabos vivos, equipados com sensores para medir as propriedades físicas e químicas das águas do litoral brasileiro. A embarcação poderá também coletar amostras em diferentes profundidades, além de dar apoio a professores mergulhadores para a visualização na coleta de materiais.

“O UFSC-60 terá um laboratório úmido de preparação, análise e armazenamento de amostras e de dados, além de um sistema de transmissão via satélite. Ou seja, é um laboratório de pesquisas flutuante”, explica o professor Orestes Alarcon. Segundo ele, o veleiro pode navegar por diversos tipos de águas, desde as mais geladas da Antártica, até as águas rasas, como dos rios de manguezais do País, o que só é possível graças à construção de uma quilha retrátil.

A embarcação tem um sistema de propulsão à base de diesel e eletricidade, o que reduz o consumo de combustível e, conseqüentemente, a emissão de poluentes. Um outro desafio superado foi a soldagem das ligas de alumínio do veleiro. Para vencer essa etapa, foi preciso unir tecnologias. O projeto contou com o apoio do Labsolda, o laboratório de soldagem do Instituto de Soldagem e Mecatrônica da Universidade Federal de Santa Catarina.

Liderado pelo professor Jair Dutra, o Labsolda, criado em 1973, desenvolve máquinas automatizadas. O professor Orestes Alarcon ressalta que na construção



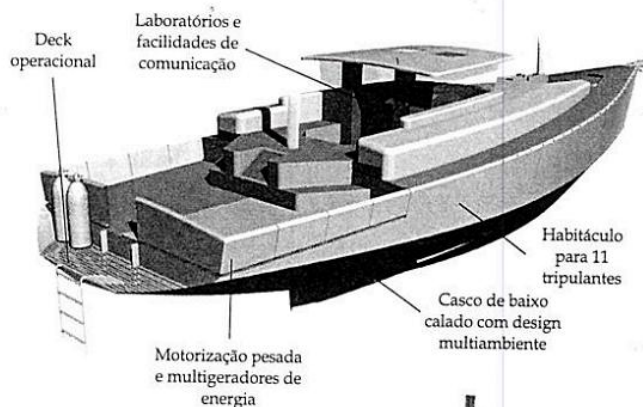


O metucioso projeto ganha forma

do veleiro de alumínio foi utilizada uma tecnologia de última geração. "É a solda a frio, ou *cold metal transfer*, que utiliza procedimentos robotizados".

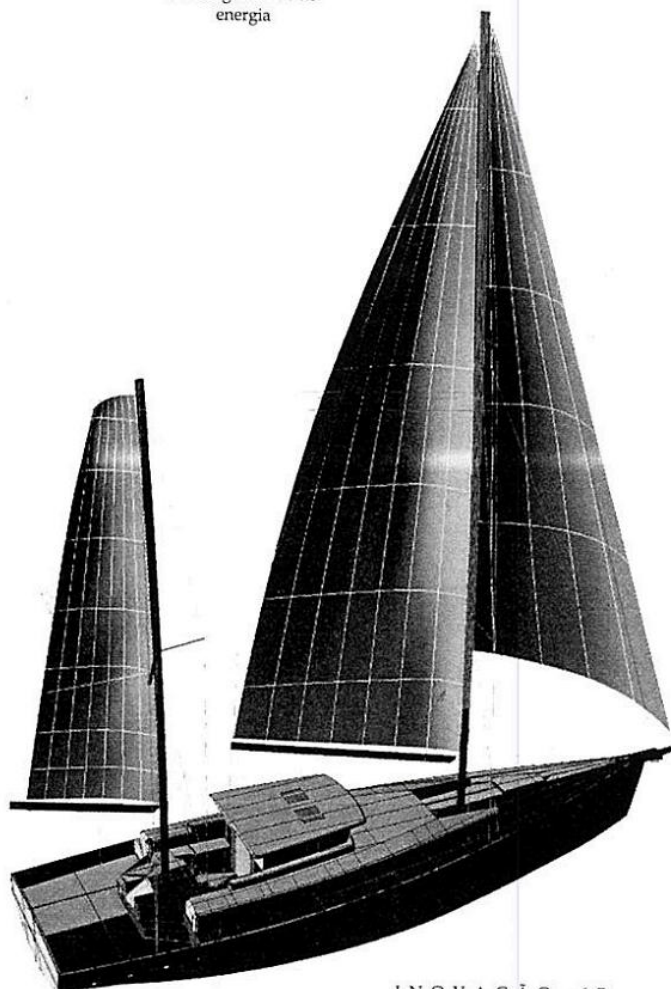
Etapas finais

De acordo com Orestes Alarcon, em menos de um ano o veleiro deverá ser batizado. "Estamos finalizando o processo de soldagem do costado e a construção do convés e do casario, que será em fibra de vidro. Em dois meses, vamos virar a embarcação para a montagem do convés e iniciar ao mesmo tempo as operações internas de isolamento térmico, acabamento de revestimento de costa e forro, construção de banheiro, cozinha..." disse o professor. Enfim, uma casa flutuante e também um laboratório de pesquisa.



ECO UFSC-60 EM NÚMEROS

Comprimento	18,6 m (60 PÉS)
Linha D'água:	17,3 m
Largura máxima:	5,3 m
Calado:	1,4 m/4,5 m (quilha retrátil)
Deslocamento:	35 t (a plena carga)
Tanques:	4000 l: combustível e 3000 l: água
Área vélica:	Mestra 73,4 m ² , Mezena 25,6 m ² , Genoa 74,8 m ² e de Stall 35,8 m ²
Motorização:	150 kW, com autonomia de até 15.000 milhas náuticas a velocidade de 3 nós e média de 3500 mn a 6 nós
Geração Primária:	2 geradores de 10 kW cada
Geração Secundária:	Elétrica solar e eólica auxiliares
Regeração:	1 regerador elétrico a partir do hélice com potencial de até 15 kWh
Laboratório úmido:	Área com sistema de refrigeração para conservação de amostras
Laboratório seco:	Área com microscópio, computadores e sistema de dados via satélite;
Dessalinizador:	1000 l/h
Leitos:	08 pesquisadores + 02 comandantes e 01 marinheiro





Região é
cortada
pela BR-101

SUL

Novidades são repassadas às equipes

Aodir Gohder, da Gohder Bordados, soube por e-mail da existência do Gestão Compartilhada. Ao observar os temas das palestras, decidiu participar. Há um ano e meio, comparece aos encontros. “São sempre abordados assuntos novos, que procuro repassar aos funcionários.” Antonio Dalçoquio, dono da Cordaville e atual vice-coordenador do GC Sul, participa há cerca de três anos. As reuniões do núcleo ocorrem na sua empresa. “Sempre tento designar funcionários para assistir aos cursos, dependendo da palestra e da área de atuação de cada um”, diz.

A troca de experiências de gestão e de processos é o ponto ressaltado pelo coordenador do GC Sul, Pedro Luiz Pereira: “Grande parte dos empresários inicia o negócio a partir do conhecimento técnico e não conhece gestão ou liderança”. Stefan Bogo, gerente administrativo da Gidion, foi quem iniciou na coordenação do GC Sul, em 2008. “Esse trabalho de levar a Acij para lá foi bacana, os empresários perceberam que também poderiam participar da entidade.” Para Bogo, a principal ação da época foi a reivindicação formal das dificuldades e demandas da região junto aos órgãos públicos.

Instalação do campus da UFSC, em obras na região, foi um dos temas debatidos pelo grupo

Perfil

Criado em
março de 2008
Empresa âncora
Gidion

Entre as principais ações do GC Sul, destacam-se o acompanhamento das discussões e definições referentes ao macrozoneamento da cidade, a instalação da fábrica da GM e do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do parque tecnológico.

A atuação junto à empresa Autopista Litoral Sul, em relação à ampliação das marginais da BR-101, também foi importante. “Como a BR-101 corta o bairro e parte das empresas é afetada por isso, muitas reivindicações da comunidade estão ligadas à solicitação de sinalização das marginais, bem como sua ampliação”, frisa o coordenador. Quanto à gestão, foram realizadas, ao longo deste ano, atividades relacionadas às demandas trabalhistas, abordando temas como o uso do celular e trabalho fora do expediente na área de vendas.

CLIPPING DIGITAL

Clipping dia 11/01/2014

["O ateu constrói a própria felicidade"](#)

[Baixa no movimento com retorno de atividades](#)

[Cirurgião plástico passa a ser titular da SBCP](#)

[Baixa no movimento com retorno de atividades](#)

Clipping dia 13/01/2014

[Passeio proporciona vista para Forte de Araçatuba, erguido no século XVIII](#)